

O JUTEIRO

ÍRIO BARBOSA DA COSTA

O cultivo da juta é responsável pelo aparecimento de mais um tipo, na galeria dos habitantes rurais da Amazônia. Cultura introduzida por imigrantes japoneses na década de 1930, cujas técnicas de plantio foram logo assimiladas pelos caboclos do médio Amazonas, tornou-se em pouco tempo o principal produto comercial amazonense.

O médio Amazonas é a principal área de cultura da juta e para lá tem convergido populações, por vészes de regiões longínquas, ligadas outrora ao extrativismo florestal.

Está bem nítida na paisagem, ainda em organização, a chegada recente do caboclo juteiro. Casas de palha de sopapo, muitas vészes verdadeiros ranchos improvisados, abrigam uma ou mais famílias.

Aglutinados em torno do chefe de família, com alguns trapos a cobrir-lhes o corpo, cabeludos, de pés no chão, crianças barrigudas; chegam eles ávidos de melhores condições de vida.

Logo ele passa a familiarizar-se com a nova atividade e o meio a que está ligado. As condições de plantio de juta, o obrigam a um contato íntimo com o rio, já que o calendário agrícola daquele produto é em função do seu regime.

Em novembro e dezembro, quando baixam as águas, inicia-se o plantio. Enquanto cresce a juta, o caboclo dedica-se a uma agricultura de subsistência consistindo de mandioca, milho, abóbora, etc.. A noitinha, ele pesca. O peixe, abundante nos rios de guas brancas e regiões lacustres, constitui a fonte de proteínas de sua alimentação de vez que a caça, nos dias atuais, já não lhe fornece o rendimento de outrora. Os demais produtos são adquiridos nas casas flutuantes e principalmente, nos regatões.

Quando o caboclo mora próximo dos flutuantes, é comum estabelecer-se um regime de trocas entre sua pequena produção e os gêneros de primeira necessidade, como que-rosene, sal, açúcar, etc..

Decorridos seis meses, quando a roça já foi colhida e as águas começam a subir nos rios invadindo os jutais, é chegada a época em que o juticultor lhes dedica todo o tempo de suas atividades.

De facão em punho, descalço, e com o seu inconfundível chapéu de palha, de tez bastante queimada pelo sol, ele desce as barrancas do rio, em direção à várzea, onde está o jutal, passando o dia no corte. Esta operação é bastante morosa, de vez que é feita de caule a caule, enfeitada em molhos, amarrados com a própria fibra da juta e em seguida carregados para dentro d'água. Ai permanecem os feixes de 15 a 20 dias para separar os fascículos fibrosos por fermentação.

Ele trabalha 12 horas dentro d'água, retirando a juta, batendo-a, lavando-a e colocando-a em varais para secar. Tais tarefas exigem mão-de-obra abundante e eficiente que, muitas vészes, é complementada pela própria família do juticultor ou pelo sistema do ajuri (correspondente ao "mutirão" do sul), ajuda mútua empregada pelos caboclos.

Resta-nos apenas uma pergunta: será que esta mudança de atividade representou alguma melhoria na vida destas populações? se analisarmos a questão desapassionadamente, veremos que, mesmo para aqueles já integrados na paisagem, a juta não lhes trouxe grandes melhorias nos seus padrões de vida; ela quase se equipara ao extrativismo, estando eles sujeitos a uma série de doenças, pelo fato da longa permanência dentro d'água.

É um trabalho árduo, exigente, exaure ao máximo o juticultor, não lhe proporcionando grandes rendimentos. À medida que o tempo passa, ele próprio, cada vez mais desiludido e confuso, não sabe se valeu a pena ter-se deslocado de regiões distantes em busca de nova fortuna, baseada na juta.



ONE OF THE